

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

PAULO AUGUSTO FERREIRA VITOR

Memória e Resistência: A Folia de Reis no ABC Paulista

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Memória e Resistência: A Folia de Reis no ABC Paulista

Paulo Augusto Ferreira Vitor

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Projetos Culturais

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo
2019

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA NA FOLIA DE REIS ¹

Paulo Augusto Ferreira Vitor²

Resumo: A pesquisa visa analisar como a realização do festejo de Folia de Reis nas cidades do ABC Paulista contribuiu para a manutenção das tradições culturais dos trabalhadores da região, funcionando como mecanismo de resistência à massificação e objetificação imposta por modelos sociais gerados no contexto da industrialização de meados do século XX.

Palavras-chave: Folia de Reis, Cultura popular, ABC Paulista, memória, identidade e resistência.

Abstract: The research intends to analyze how the celebration of Folia de Reis in the cities of ABC Paulista contributed to the maintenance of the cultural traditions of the workers of the region, functioning as a mechanism of resistance to massification and objectification imposed by social models generated in the context of industrialization of the mid twentieth century.

Keywords: Folia de Reis, Cultura popular, ABC Paulista, memória, identidade and resistência

Resumen: La investigación se centra en el análisis de como la realización de la celebración de "La Folia" en la zona conocida como ABC Paulista contribuyó para la mantención de las tradiciones culturales de los trabajadores de la región en la medida en que funcionó como mecanismo de resistencia a la masificación y a la objetivación impuesta por los modelos sociales en el contexto de la industrialización de mediados del siglo XX.

Palabras clave: Folia, Cultura popular, ABC Paulista, memoria, identidad y resistencia.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de projetos Culturais

² Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Pós-graduando em Gestão De Projetos Culturais

1. INTRODUÇÃO

A Folia de Reis é uma importante manifestação cultural presente em várias regiões do Brasil. Sua prática engloba religiosidade e tradição, o que a torna um importante elemento de identidade cultural popular. Esse festejo está ligado diretamente ao ciclo natalino cristão e seu rito simboliza a viagem dos reis magos ao encontro do nascimento do messias, Jesus de Cristo, conforme consta no Evangelho segundo Mateus.

Na região do ABC paulista, as Folias de Reis tiveram um papel importante na manutenção das práticas culturais populares, principalmente de trabalhadores que migraram de outras regiões do país para a área metropolitana de São Paulo, pois além de conservar ritos tradicionais da religiosidade católica, as folias serviram como parte estrutural da construção simbólica do indivíduo, contribuindo assim para a manutenção da memória e da identidade destes migrantes.

Com isso, a pesquisa visa analisar como o festejo de Folia de Reis nas cidades do Grande ABC contribuiu para a salvaguarda das tradições culturais dos operários e preservação da memória, assim como também serviu de instrumento de resistência à massificação cultural e ao apagamento dos traços culturais tradicionais impostos por modelos sociais de uma área altamente industrializada, corroborando assim para a manutenção da identidade de seus foliões e para o fortalecimento das manifestações culturais locais.

2. FOLIA DE REIS NO BRASIL

A Folia de Reis, também conhecida como Reisado ou festa de Santos Reis, é um folguedo popular do ciclo natalino e uma importante manifestação cultural presente em várias regiões do Brasil, principalmente nas áreas rurais. De origem portuguesa, esse festejo está ligado diretamente às práticas religiosas cristãs dedicadas aos Santos Reis, os três reis magos Baltazar, Gaspar e Melchior, que conforme o Evangelho segundo Mateus, viajaram ao encontro do nascimento Jesus Cristo para apresentá-lo.

A festa de Santos Reis é realizada no solstício de Verão entre os meses de dezembro e janeiro. Neste Festejo grupo de populares procuram representar a jornada bíblica dos reis magos, a fim de reverenciar o nascimento de Jesus Cristo. Os grupos de Folia de Reis geralmente são compostos por bastiões, também conhecidos por marungos, figuras que dançam e pulam durante todo o cortejo; pelo embaixador ou mestre, que é o responsável pela organização do rito; pelo bandeireiro, a pessoa que porta a bandeira durante todo o trajeto; pelo coro, grupo de pessoas que tocam e cantam as músicas na jornada; pelos reis magos, pessoas fantasiadas que representam a figuras dos santos reis e por fim pelo festeiro, o responsável pela casa onde os foliões retiram a bandeira para início do folguedo.

O festejo tem início no dia 24 de dezembro e se encerra no dia de reis, 6 de janeiro, quando os presépios são desmontados. Neste período os grupos de foliões, trajados a caráter, fazem cortejos visitando populares e fiéis que aguardam a chegada da folia. Conforme Cascudo (2007) a visita da Folia de Reis às casas segue um rito de chegada, no qual é feito um *pedido de licença* para adentrar ao local, um rito de *agradecimento* pela esmola ou comida recebida e um rito de *despedida*, saída, fim da visita. A jornada tem um caráter sagrado, principalmente para os devotos dos Santos Reis e para seus foliões, por isso em algumas regiões o folguedo termina com uma missa para comemorar o dia de Santos Reis.

Durante o cortejo da folia são entoadas canções voltadas às jornadas dos santos reis, ao nascimento de Jesus Cristo e ao próprio festejo, essas canções ditam os ritos de chegada, de agradecimento e o de saída, conforme informa Araujo:

A folia se reveste de um caráter sagrado, são os representantes dos reis visitando os devotos, havendo um ritual especial de visitas e reverências nas casas onde há presépios. Na cantoria os versos giram em torno destes temas: anunciação, nascimento, estrela-guia, reis magos, adoração, ofertório, agradecimento e despedida. (ARAUJO, 2004, p.149)

Durante o trajeto os bastiões vão à frente do grupo anunciando a chegada da folia. Eles têm um papel importante no festejo, pois são os responsáveis pela proteção da bandeira da folia, fantasiados com roupas coloridas, eles fazem acrobacias e danças chamando a atenção dos que participam do festejo.

A Folia Reis é uma manifestação cultural e religiosa propagada por várias regiões do Brasil, com isso, seus festejos incorporaram algumas particularidades culturais de cada região, o que fez com que ocorressem variações nas formas de celebração do rito, principalmente nos ritmos musicais, na apresentação dos bastiões e no período de duração do festejo, porém estas variações não atingiram a estrutura básica da folia que é a intersecção entre religiosidade e tradição.

3. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA REGIÃO DO ABC PAULISTA

O ABC paulista ou Grande ABC é formado por um conjunto de municípios localizados na região metropolitana de São Paulo. Composto inicialmente pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Atualmente a nomenclatura passou a abranger mais quatro municípios; Diadema, Mauá, Rio Grande da Serra e Ribeirão Pires. A região tem grande relevância para economia do Brasil, pois seus municípios têm um dos polos industriais mais importante do país.

O processo de industrialização das cidades do Grande ABC teve início no começo do século XX em decorrência da construção da estrada de ferro São Paulo Railway que ligava a cidade de Jundiaí ao porto de Santos e que passava pelo seu território. Várias indústrias se instalaram na região por causa desta proximidade, tanto com a cidade de Santos, onde se localiza o porto, como também com Capital paulista, pois a localização era estratégica como rota de escoamento de produtos.

Em meados do século XX, com a política desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek, que estimulou a industrialização do país, a região do ABC Paulista aumentou ainda mais seu parque industrial, principalmente com a chegada das indústrias automobilísticas e químicas, corroborando para um segundo “boom

populacional” na região. Conforme dados citados por Almeida, em apenas duas décadas a população da região saltou de 200 mil para aproximadamente um milhão de habitantes:

Essa estupenda explosão industrial só poderia ter como consequência uma não menos inusitada explosão populacional. Em apenas duas décadas, o número de habitantes da região salta de pouco mais de 200 mil para, em 1970, se aproximar de um milhão. (ALMEIDA, 2009, p.38.)

As cidades do Grande ABC passaram então a receber novos grupos de trabalhadores, que migraram para a região em busca de emprego. Entre a década de 50 e 80, os municípios da região tiveram um grande aumento populacional, mudando definitivamente o seu quadro social, áreas pouco urbanizadas na década de 50 se transformaram em grandes subúrbios nos finais dos anos 70, uma mudança social e urbanística vertiginosa que alterou o mapa local e reconfigurou as relações sociais.

Com a expansão da área urbana e com a chegada de novos moradores ao ABC Paulista, as manifestações culturais ocorreram de forma intensa, contribuindo para a formação social do região. Com o crescimento populacional as expressões culturais foram ganhando espaço na região e serviram como elo entre o tradicional e o novo. Neste caso, a originalidade da cultura popular serviu como expressão do modo de vida trabalhador.

A manutenção das tradições culturais dos trabalhadores na região do ABC ocorreu de duas formas; ou por meio de sobreposição das práticas culturais que surgiam com a tecnologia ou por ressignificação cultural dos modelos tradicionais. Um bom exemplo de ressignificação eram as Festas Juninas realizadas na região, que adotaram formas variadas de festejo, no qual era possível encontrar tanto o modelo mais tradicional de comemoração, com comidas e músicas típicas de algumas regiões ou com já modelos ressignificados e transpostos para essa estrutura social urbana. Martins aponta para esta reconfiguração social:

A população trabalhadora do ABC agarrou-se, então, por várias gerações, aos valores e às concepções da tradição pré-moderna. Revitalizou e redefiniu o que do mundo pré-capitalista e, muitas vezes, camponês sobrava da sua migração demográfica e cultural para o mundo operário e suburbano (MARTINS, 2008, p.10).

Com isso, percebe-se que no Grande ABC, os trabalhadores mantiveram algumas práticas culturais e religiosas respectivamente à novos modelos sociais, esta dialética contribuiu para a formação da identidade do operário, a região não foi formada somente pela cultura *capitalista-fabril*, mas por uma diversidade de práticas culturais e sociais que se redefiniram na suas intersecções.

4. FOLIA DE REIS NO ABC PAULISTA

As primeiras Folias de Reis da região do Grande ABC constam entre a década de 1940 e 1950. Os participantes deste festejo, em sua maioria, eram das cidades do sul de Minas Gerais, do interior do estado de São Paulo e de diversas regiões do Nordeste, que vieram trabalhar nas fábricas da região. A realização da festa de Santos Reis era importante para preservação da religiosidade, da memória e da identidade cultural destes trabalhadores, Gorzoni em estudo sobre a história da Folia de Reis de São Caetano aponta para a importância do festejo para a preservação da identidade cultural:

No Grande ABC, a comemoração da Folia de Reis existe desde fins da década de 40. Segundo relatos, alguns grupos sobreviveram, enquanto outros desapareceram, na maioria das vezes, por conta do falecimento do líder e da falta de entusiasmo das novas gerações. Em Santo André, eles se localizavam no Bairro Cidade São Jorge, na Vila Linda, no Jardim Irene, no Bairro Santa Terezinha e na Vila Palmares. Atualmente, não se tem conhecimento de grupos originários da cidade. Em São Bernardo, entre as décadas de 40 e 50, surgiram grupos no Bairro Alvarenga, na Vila do Tanque, no Baeta Neves e no Riacho Grande. Um dos mais antigos é o do Alto do Baeta Neves, formado, no final da década de 40, em sua maioria por migrantes mineiros vindos de Guaxupé, sul de Minas Gerais. O grupo surgiu com a intenção de, através das festas de Reisado, resistir à destruição de sua identidade cultural (GORZONI, 2007, p.71).

Vários grupos deixaram de existir na região, sendo que atualmente somente cinco deles ainda se mantem em atividade, sendo estes; a Folia Baeta Neves de São Bernardo do Campo, a Folia São Francisco de Assis de Santo André, a Folia de Reis do Sr. José Reis e a Folia de Reis da Shirley Braz, as duas de Diadema e a Folia da Companhia Santa Cecília de São Caetano do Sul.

4.1. FOLIA DE REIS BAETA NEVES

A história da Folia Baeta Neves tem início em 1949, com um grupo de migrantes de Guaxupé, Minas Gerais, que se deslocaram até a cidade de São Bernardo do Campo em busca de trabalho. Com aproximadamente 68 anos de história, este grupo é um dos principais da região e o mais antigo em atividade mantendo ainda a tradição de percorrer com o cortejo as ruas do bairro Baeta Neves. Conforme Gorzoni, o grupo Baeta Neves já se destacava na região na década 40, sendo um dos primeiros a realizar o festejo na região:

Em São Bernardo, entre as décadas de 40 e 50, surgiram grupos no Bairro Alvarenga, na Vila do Tanque, no Baeta Neves e no Riacho Grande. Um dos mais antigos é o do Alto do Baeta Neves, formado, no final da década de 40, em sua maioria por migrantes mineiros vindos de Guaxupé, sul de Minas Gerais. (GORZONI, 2007, p.71)

Do outro lado, em São Bernardo, o grupo do Baeta Neves continuava em atividade. Tornou-se tão conhecido na região que, em 1988, chegou a gravar um LP, patrocinado pelo Fundo de Assistência à Cultura de São Bernardo do Campo. Esse disco fez parte da divulgação do II Congresso de História do Grande ABC, com tiragem de 3 mil exemplares. O título escolhido para a obra foi Folia de Reis nos Campos de São Bernardo. (GORZONI, 2007p.72)

A Folia Baeta Neves reúne um grande número de pessoas na região para assistir ao Reisado e as apresentações de viola caipira que acontecem após o cortejo, exercendo assim um importante papel social para o bairro, pois além de movimentar e reunir os moradores em torno do espaço público, também exerce uma importante ligação entre o passado e o presente, preservando as práticas culturais locais e fortalecendo a manutenção da memória e da identidade de muitos trabalhadores que migraram para a região.

Atualmente o coordenador da folia Baeta Neves é Pedro Baldoino, 67, que a acompanha a folia há mais de 40 anos. Nascido na cidade de Mococa, Estado de São Paulo, seu Pedro migrou ainda jovem para o ABC paulista em busca de trabalho nas indústrias da região. Ao se estabelecer na cidade de São Bernardo seu Pedro manteve algumas tradições culturais e religiosas da sua cidade natal. Seu Pedro (2018) conta que ficou responsável pela folia na década de 90 devido a saída do antigo

coordenador, seu João Pedro, que após anos comandando a Folia Baeta Neves, voltou para cidade natal dele, Guaxupé³.

Atualmente a Folia Baeta Neves é formada, em sua grande maioria, por aposentados das indústrias da região do ABC, pessoas que migram para a cidade de São Bernardo do Campo para trabalhar nas fabricas locais e que mantiveram a folia como forma de preservar suas práticas culturais. Para seu Pedro Baldoino a folia é importante tanto pela questão religiosa como pela questão cultural, diz ele; *“a folia tem a coisa religiosa, mas também tem a parte cultural”*⁴.

Vale ressaltar que o grupo de Folia de Reis Baeta Neves ainda carrega consigo a tradição de visitar casas do próprio bairro e que conta com o apoio tanto do poder público local como do comércio para a realização do festejo.

4.2. FOLIA DE REIS SÃO FRANCISCO DE ASSIS

A Folia de Reis São Francisco de Assis foi criada em julho de 1997 na cidade de Santo André pelo Padre Vanderlei Ribeiro, pároco da Igreja Nossa Senhora do Paraíso. Com o intuito de retomar alguns festejo católicos, o padre convidou a algumas pessoas do Coral dos Violeiros da comunidade para iniciarem uma folia. No mês de setembro do mesmo ano o grupo escolheu uma coordenadora para a Folia de Reis, a senhora Domingas de Carvalho Bonfim, que já participava do festejo em sua cidade natal. Rafael Moraes (2018), violeiro da folia São Francisco e um dos memorialistas do grupo, conta que dona Domingas era da região de Santa Fé do Sul, cidade do interior do estado de São Paulo, e que o pai dela participava do grupo de folia daquela região, o que a motivou a participar do grupo. Rafael também destaca a importância da Família Paiola para a formação da Folia, pois os três irmãos; Arlindo, João e Sebastião Paiola foram importantíssimos para composição do grupo e para o início do festejo, pois eles já participavam festejo em Fernandópolis, cidade do interior do Estado de São Paulo, contribuindo assim para organização do grupo⁵.

Mesmo sendo um dos grupos mais novos da região, a história de seus integrantes se assemelham ao dos outros grupos de Folia da região que se deslocaram para o ABC Paulista em busca de trabalho e que mantiveram ou

³ Informação fornecida por Pedro Baldoino em Santo André, 2018

⁴ Informação fornecida por Pedro Baldoino em Santo André, 2018

⁵ Informação fornecida por Rafael Moraes em Santo André

retomaram algumas de suas manifestações culturais com o intuito de manter viva a memória e a tradição de sua localidade de origem. Vale ressaltar que atualmente esta folia vem aumentando a participação nas atividades culturais da cidade de Santo André e que estão finalizando um CD musical para registrar oficialmente as canções do festejo.

4.3. COMPANHIA FOLIA DE REIS SANTA CECÍLIA

A Companhia Folia de Reis Santa Cecília é um tradicional grupo da cidade de São Caetano do Sul que está na ativa desde a década de 50, criada por migrantes, do sul de Minas Gerais, interior de São Paulo e Nordeste⁶ sua história está ligada a uma das primeiras companhias do município e da região, o grupo de Folia de Reis da Vila Gerty, pois após o fim desse grupo, alguns integrantes decidiram continuar o festejo para que a tradição não morresse, com isto criaram a Companhia Santa Cecília.

Para contar de forma trajetória da folia Companhia Santa Cecília é necessário adentrar um pouco na história de um personagem fundamental para o festejo do Reisado na cidade de São Caetano, seu Olegário Guerra, conforme aponta Gorzoni:

Foi ele quem criou o primeiro grupo da cidade; além disso, entende tudo de Folia de Reis. Esse mineiro alegre de Três Corações, sul de Minas Gerais, dirigiu-se inicialmente a Santos, em 1943, onde trabalhou durante 3 anos. Em seguida, veio para a Vila Alpina e, finalmente, para São Caetano, em 1948, convidado por um colega para trabalhar na Cerâmica São Caetano. “Trabalhei 7 anos e 6 meses na Cerâmica São Caetano. O resto trabalhei na Mercedes, como pintor de carros. Lá me aposentei” (GORZONI, 2003, p.85)

A história de seu Olegário sintetiza a de vários participantes das Foliás de Reis do ABC Paulista, vindo de três Corações, Minas Gerais, na década de 1940, trabalhou nas fábricas da região até se aposentar. Na cidade de São Caetano do Sul criou o primeiro grupo de Folia de Reis, sendo um dos pioneiros na região e um importante organizador da Folia na cidade, sendo lembrado até hoje, pois foi responsável direto pela realização do festejo.

⁶ <http://www.abcdabc.com.br/sao-caetano/noticia/exposicao-la-vem-santos-reis-sao-caetano-16941>

A Companhia Folia de Reis Santa Cecilia ainda se apresenta pelos bairros do município de São Caetano e atualmente conta com 12 integrantes, sendo que o grupo se apresenta com 3 Bastiões. Sendo uma das mais tradicionais do Grande ABC a companhia participa de outros festejos com os grupos locais, buscando manter viva uma tradição importante para a história e para a cultura local.

4.4. FOLIA DO ZÉ REIS E DA SHIRLEY BRAZ

O Grupo Folia de Reis do Zé Reis é coordenado por José Jacinto da Silva Neto, o famoso Zé Reis na cidade de Diadema. A tradição deste grupo de folia é familiar e vem sendo passada de geração para geração, como diz o próprio Zé Reis em entrevista ao jornal local, *“É uma tradição de família que passou de pai para filho e procuro manter”*⁷

Assim como Pedro Balduino, da Folia Baeta Neves, Zé Reis iniciou sua participação nas folias que aconteciam na cidade de Mococa no interior do Estado de São Paulo, onde nasceu. Depois de mudar para Diadema, seu Zé Reis optou por manter a tradição familiar de festejo do Reisado, saindo todos os anos pelas ruas da cidade com o cortejo, passando a tradição da Folia de Reis para filhos, netos e amigos (Figueiredo, 2013).

Já o Grupo de Reis da Shirley Braz percorre as ruas dos bairros da Vila Piraporinha e Vila Nogueira na município de Diadema há mais de 25 anos. Sendo uns dos poucos grupos ainda ativos na região. O grupo iniciou o festejo do Reisado por meio de uma promessa de sua coordenadora Shiley Braz, que é devota dos Santos Reis. Este grupo, assim como o do Zé Reis, percorre as ruas de Diadema, mantendo a tradição da folia ativa. A família Braz tem grande importância na manutenção da tradição da Folia de Reis na cidade de diadema, conforme aponta Figueiredo:

A Família Braz teve grande importância na formação dos grupos de Folia em Diadema, moradores em houve época em que toda a família estava envolvida com folias, participando como folião ou Bastião (Palhaço). (FIGUEIREDO, 2013, p.84)

Estes dois últimos grupos de Folia de Reis estão localizados na cidade de Diadema, localizada no ABC paulista. Ao todos cinco grupos ainda se mantêm ativos

⁷ <https://www.dgabc.com.br/Noticia/503050/tradicao-da-folia-de-reis-e-mantida-no-grande-abc>

percorrendo ruas da região do ABC entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, porém os coordenadores das folias apontam a dificuldade de manter os grupos ativos, pois diversos fatores corroboram para a diminuição dos integrantes, como por exemplo, segurança, crenças, tempo, etc.

Alguns destes grupos participam de eventos e festas populares da região, inclusive organizando atividades e encontros em conjunto. Anualmente era realizado um encontro de Folia de Reis no município de São Bernardo do Campo, no qual se reunia as folias da região em conjunto com folias de cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais⁸, tendo em vista uma maior divulgação, difusão e manutenção dessa manifestação da cultura popular na região, porém esta atividade foi encerrada em 2015.

Enfim, os Festejos de Folia de Reis que acontecem no ABC paulista, além de manter ritos tradicionais da religiosidade católica, têm um importante papel na preservação das práticas culturais, pois fazem parte da construção social dos grupos que se estabeleceram na região, expressando uma visão de mundo que liga o sagrado ao profano.

5. FOLIA DE REIS: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA.

A multiplicidade cultural dos trabalhadores urbanos industriais serviu como elemento de resistência à coisificação imposta pelas relações de poder. As práticas culturais trazidas de outras localidades foram uma importante ferramenta contra a objetificação do indivíduo, assim contribuindo para a manutenção da identidade. Ao escrever sobre o conceito do “eu dividido”, José de Souza Martins aponta que o homem comum está dividido entre as tradições culturais e as novas práticas sociais urbanas:

O homem comum dividido, impotente em face dos poderes que cria, não cede à inércia das forças que procuram reduzi-lo à condição de coisa: imagina, fabula, interpreta, cria ou preserva, recriando ritos e procedimentos cotidianos. Recicla relações sociais e concepções, reapropria-se das tradições de suas origens pré-modernas para enfrentar a privação de história e de compreensão plena que lhe impõe a modernidade que o minimiza e coisifica. (MARTINS, 2008, p.14)

⁸ <http://www.abcdoabc.com.br/sao-bernardo/noticia/acontece-4-encontro-folia-reis-sao-bernardo-16949>

A Folia de Reis, no caso do Grande ABC, está inserida na dialética entre a identidade urbana e a identidade tradicional de seus participantes, que ao se deslocarem para a uma região urbana/industrial em busca de trabalho tiveram suas identidades continuamente deslocadas ao mesmo tempo em que movimentos de preservação foram ativados pela manutenção das tradições culturais, o que gerou um movimento duplo, nas quais as identidades estão sempre em um processo de transformação e de deslocamento, ressignificando as relações sociais.

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall trabalha com o conceito de descentralização dos indivíduos na modernidade tardia, o que constitui uma “crise de identidade”, esse processo de mudança faz com que a identidade esteja constantemente em um processo de transformação, porém muitas vezes contraditórias:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando para diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2014, p. 12)

Este conceito é importantes para a análise da identidade dos trabalhadores do Grande ABC, que mesmo com a incorporação de novas práticas sociais, mantiveram várias manifestações culturais como forma de resistência a um processo de trabalho duro, no qual a exploração do serviço braçal era forte produto do sistema capitalista. Com isto, a identidade do indivíduo não foi sobreposta pela objetificação do modo de vida urbano, mas se estruturou na relação entre trabalho e vida social, numa dicotomia entre o tradicional e o moderno. Ao manter o festejo da Folia de Reis nas cidades industrializadas do ABC Paulista, o trabalhador buscou manter parte de sua identidade ligada a tradição e a memória.

No livro *Experiências políticas no ABC paulista: lutas e práticas culturais dos trabalhadores*, Antônio de Almeida descreve as diversas formas como os trabalhadores da região do ABC buscaram construir suas identidades e os valores culturais que permeiam o cotidiano da trajetória da classe operária levando em conta a memória e a tradição:

Outro aspecto a ser destacado quanto ao significado das festas e dos divertimentos populares diz respeito às variadas formas de resistência desenvolvidas pelos trabalhadores. Não se trata, aqui, das lutas e

organizações coletivas colocadas em prática contra o Estado ou setores da classe dominante e que geralmente podem ser identificadas a partir de embates claramente explicitados. Trata-se, sim, de valores simbólicos assumindo múltiplas significações. Refiro-me à persistência desses trabalhadores em manter atividades que destoam do padrão fetichizado de cultura difundida pelos meios de comunicação de massa[...] (ALMEIDA, 2008, p.195)

As manifestações culturais dos operários do Grande ABC se davam de forma intensa, tanto nas fábricas, quanto nos bairros e eram mantidas como forma de resistência ao precário sistema industrial que os forçavam a uma desgastante rotina de trabalho que contribuía para anulação do indivíduo e para uma massificação cultural, por isso a Folia de Reis, como cultura popular, foi elemento de resistência.

Importante lembrar que para a professora Marilena Chauí a cultura popular, ao mesmo tempo que reproduz o autoritarismo das elites brasileiras também faz um movimento de resistência a esta dominação, o que para a professora é próprio das classes populares:

Tentaremos, neste trabalho, aproximar-nos da cultura popular como expressão dos dominados, buscando as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto as formas pelas quais é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente, pelos dominados[...] (CHAUÍ, 2014, p.27)

Com isso, seria um erro considerar que as manifestações culturais do trabalhador são homogêneas e imutáveis, pois elas estão sempre em movimento, em ressignificação tornando-se um acervo de significados e conhecimentos que estão dialeticamente ligados as novas práticas culturais. Desta forma a Folia de Reis, como cultura popular de resistência, funciona como repertório de significados, nos quais, os indivíduos recorrem a “vínculos e estruturas” que os mantêm dentro de elemento social correspondente.

A Folia de Reis deslocada de sua origem rural para o espaço urbano, como foi no caso da região do ABC, tornou-se importante para os grupos que ainda realizam o festejo, pois eles a utilizam o festejo como movimento de resistência ao mecanicismo industrial capitalista que tende a homogeneizar as relações sociais e massificar as práticas culturais, ressignificando o espaço. A manutenção desta manifestação cultural faz parte de um processo de luta entre mecanismos sociais e culturais, nos quais seus participantes procuram manter algumas estruturas ativas.

Esta luta entre mecanismos sociais e culturais faz parte de uma dialética dentro da própria estrutura cultural moderna, a luta entre a cultura popular e a cultura da classe dominante, que se dá no âmbito social. Esta luta, como aponta Hall, é contínua e desigual, principalmente por parte da cultura dominante que detêm os meios de produção, mas cabe a cultura popular servir de resistência a este processo:

Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural.
(HALL, 2003, p.255)

Para Hall (2003) a cultura popular se “rearticula” como processo de resistência ao processo de homogeneização imposta pelo processo de massificação da cultura dominante, pois “a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada”. A Folia de Reis, como cultura popular, serve como elemento de resistência contra a cultura hegemônica, que tende a massificar seu conteúdo.

Neste caso há uma oposição bem marcada entre cultura popular, que tende a individualizar as relações e cultura de massa que tende a homogeneizar. Para Canclini (1988), a cultura de massa anula o particular, homogeneizando as relações e servindo como ferramenta de dominação. Desta forma a Folia de Reis se torna uma prática cultural de resistência exploração capitalista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das próprias vivências culturais, o trabalhador foi estabelecendo práticas culturais heterogêneas, pois vivenciava parte de sua vida dentro das fábricas locais e outra parte fora dela, na relação familiar, com isso, foi concomitantemente mantendo suas tradições e assimilando outras manifestações culturais como forma de resistir a objetificação imposta pela relação trabalhista. Nesse jogo de forças, a multiplicidade cultural dos operários apareceu como forma de resistência à coisificação imposta pelas relações de poder.

Devido ao enorme fluxo migratório, formou-se uma sociedade multicultural no Grande ABC, marcada principalmente por relações antagônicas e heterogêneas. A resolução entre as diferenças e as igualdades dessa sociedade se fez necessária para a diversidade cultural da região. Nessa perspectiva o problema das relações não está nas diferenças culturais, pois estas são a base democrática para a diversidade, mas o problema centra-se no modelo capitalista de produção que tende a produzir formas simbólicas homogeneizantes e criar uma massificação cultural que promova o poder hegemônico de determinados grupos.

A globalização produziu impacto fundamental na identidade cultural dos indivíduos e nas relações estabelecida entre a sociedade. As relações antigas que eram estruturas em conceitos pré-estabelecidos vão dando lugar a uma nova estrutura social em que as formas simbólicas vão se modificando e assumindo características pluralizantes, o que torna as relações mais diversificadas.

Uma das características da sociedade pós-moderna é a descontinuidade e a luta pela fragmentação do poder, o que desconstrói o pensamento de que a sociedade é homogênea e estruturada de forma linear, porém a tendência capitalista é a de produzir uma indústria cultural de massa, em que as formas simbólicas são apropriadas pelo capital, produzindo uma homogeneização cultural dentro de um processo artificial.

Neste contexto, os festejos de Folia de Reis do ABC Paulista servem como mecanismo cultural de resistência a coisificação e a massificação do trabalhador. Nota-se que a maior parte dos participantes das folias da região eram migrantes que se deslocaram para trabalhar nas indústrias da região metropolitana de São Paulo e que mantiveram estes festejos, não só como praticas religiosas, mais também como ferramenta de resistência a perda da identidade cultural popular.

As folias de Reis do Grande ABC são fontes de memória, de tradição oral e de manifestação cultural e religiosa. Seus participantes ainda buscam manter laços entre o passado e o presente, passando a cada geração um pouco de seu traço cultural, o que a torna uma prática indispensável para a história da região.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio de. **Experiências políticas no ABC Paulista**: lutas e práticas culturais de trabalhadores. Uberlândia, EDUFFU, 2008.
- ARAUJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional I**: festas, bailados, mitos e lendas. São Paulo, Martins Fontes, 3ª ed. 2004.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. Petrópolis, Vozes, 1986.
- CANCLINI, Néstor García. **Cultura transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación**. In: CANCLINI, Néstor García, RONCAGLILO, Rafael (Orgs.). *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: Ipal, 1988.
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, Livraria duas Cidades, 1975.
- CASSIER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2005.
- CHAUÍ, Marilena, Homero Santiago (Org). **Conformismo e resistência**. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.
- CHAVES, Wagner Neves Diniz. **Na jornada de santos reis**: conhecimentos, ritual e poder na folia do Tachico. Maceio: EDUFAL, 2013.
- FIGUEIREDO, William Bezerra. **Performance e Símbolo**: uma análise da Folia de Reis. 2013, 129f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- _____. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- GORZONI, Priscila. **Abre as portas para os Santos Reis!** São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2007
- LE GOFF, Jacques, **História e memória**. Campinas, Editora Unicamp, 1990.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**: origens do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo, Ed. 34, 2008.

_____ **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo, Contexto, 2017.